

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (A. IX)



Anno II

Florianopolis, 9 de Agosto de 1919

Num. 49

Não posso!

Esta palavra encerra uma philosophia particular digno de estudo.

Umaz vezes reflecte energia, outras  mando de covardes;  luz e pôde ser sombra que se projecta no nosso horizonte.

Não posso!  a palavra do forte e do grande. E' a voz solemne com que o Vigario de Christo se oppe sempre  violação do Direito,  a palavra com que o christão resiste  sollicitação do espirito mão, levantando-se sobranceiro contra as tentates de toda especie.

Não posso!  tambem a palavra do timido, do ocioso,  a desculpa commoda da indolencia no bem.

De todas as coisas sublimes, a mais sublime  cooperar com Deus na salvação das almas. A esta obra grande, Deus nos chama como a todos os que Elle ha favorecido com a luz do Evangelho, pois ser christão  synonymo de ser apóstolo.

Deus nos chama, quia mais às mulheres, desde o dia em que a mulher subiu ao Calvario após o Divino Jesus; desde o dia em que uma mulher elevou seu sexo até ser mãe do Redemptor. Desde então a mulher tem um lugar em toda obra de apstolado.

Deus nos chama a sahir em defesa de sua causa, a formar legião prompta a defender sua Lei, a pugnar pelos seus interesses, a divulgar a verdade pela Imprensa, a espalhar o ensino christão, a auxiliar o operario; obras todas dedicadas a procurar o reino de Deus tanto na vida publica como privada, na officina como na escola, no trabalho como na hora do repouso; obras emfim, que

traduzam em actos a petição da oração dominical: *venha a nós o vosso reino!*

Deus nos chama, mas somos livres de responder ou não ao seu chamado. O soldado de Christo não  forçado a uma luta obrigatoria; mas smente convidado a um glorioso voluntariado.

Sim, Deus nos chama por meio da voz de uma amiga, das linhas de uma circular, pelo spectaculo de uma Liga, pelo impulso intimo  vista de alguma injustiça social.

Ah! quantas vezes a este chamado havemos respondido com a breve e fatidica palavra: «Não posso!» «Não posso!» Porque não podes? Careces em absoluto dos meios necessarios? posição social? intelligencia? saúde? deveres que absorvem todo o teu tempo e as tuas energias todas?

Oh! se cada vez que ao convite para trabalhar para Deus respondemos: não posso! houvessemos descido ao fundo de nossa consciencia, afim de sermos sinceras conosco mesmas...

Pallida joven cahida na desgraça, tiveste uma mão amiga que se estendesse para salvar-te? Menino que estudas as primeiras letras, quem se occupou de defender a escola? Povo extraviado pela ma imprensa, porque as boas leituras não te foram proporcionadas? Pobre operaria, victima muitas vezes de injustiças dolorosas, porque não foste recolhida debaixo da bandeira da Caridade, pela Justiça? Oh! alma triste que em vo esperavas a palavra de Verdade e de luz... não venhas no ultimo dia, no dia das contas deante de mim, a servir-me de accusação; não me digas que ficaste sem auxilio por um não posso! dito em malfadada hora; não me increpes porque Deus me creou na riqueza de sua luz e eu me neguei a salvar-te!

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno 4\$000
Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

Ao «não posso!» da indolencia, da pusillanidade, do respeito humano substituímos a valente e humilde phrase de S. Paulo: *tudo posso n' Aquelle que me fortalece!*

(Adaptado)

S. de F.

Confecção de chapéus

LIÇÕES PRATICAS E FACEIS

Em um numero anterior, a proposito deste assumpto, que, por certo, vai interessar muito as nossas leitoras, sobretudo se forem habéis e economicas, demos alguns conselhos preliminares e ensinámos as primeiras regras para a confecção de chapéus. A cada aprendizagem, como se viu no nosso primeiro artigo, corresponde uma gravura elucidativa, de modo a facilitar notavelmente a aprendizagem. Dissemos então que, dadas as noções preliminares, passaríamos a outros detalhes, até abordarmos as noções mais elevadas, para as quaes eram necessarios esses primeiros elementos a que nos referimos. Tratemos agora dos modelos que se nos afiuram os mais faceis, e que são os

Chapéus de feltro

Façamos primeiramente a descripção das diferentes partes de que se compõe um chapéu de feltro (Fig. 1), quer seja de feltro quer de palha, qualquer que seja enfim a sua forma, exceptuando-se, já se vê, os chapéus chamados «capotas» e os «toques», estes geralmente preferidos pelas senhoras de idade.

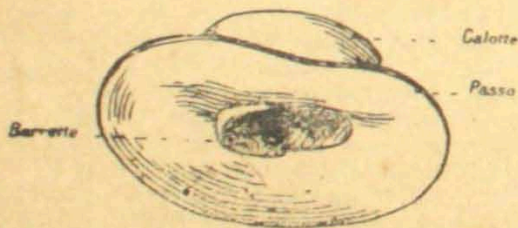


Fig. 1 — As peças de uma fôrma, com os nomes em francez: «calotte», copa; «passe», aba; «barrette», carneira.

Essas partes são: a *aba* ou bordos do chapéu, parte larga que contorna a entrada da cabeça e que serve a abrigar o rosto, e

a *copa*, parte que monta sobre a aba e que fôrma o ápice do chapéu.

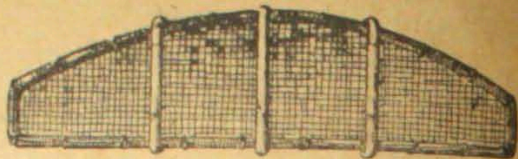


Fig. 2 — Carneira

A terceira parte, a carneira (Fig. 2) ajusta-se á vontade, ao circulo da entrada da cabeça, para modificar as dimensões ou para obter uma inclinação do chapéu. Ella se faz ou com uma tira de entretela ou com uma tira de tulle de algodão, cujos bordos são mantidos por um fio de arame cosido na fazenda em *pontos de moda*; ou pode-se ainda recobrir a carneira ou forro com velludo ou seda, de accordo com a côr do chapéu, si se lhe quer dar uma apparencia mais acabada.

Os chapéus de feltro que se compram nas chapelarias não têm sempre a fôrma ou as dimensões que se desejam, apresentando-se ora com as abas muito largas, ora com a entrada muito estreita, ou folgada em demasia. Se as abas são muito largas, o que occorre fazer é cortar o feltro segundo as dimensões que se queiram, ou, mais precisamente, segundo as dimensões impostas pela moda. Para se executar esse côrte, não se deve imprudentemente fazer a olho, o que poderia tornar o côrte irregular e estragar de todo o chapéu. É preciso, pois, marcar primeiramente com um alfinete a parte da frente, os lados e a parte de traz; com uma fita-metro calcular a largura que se queira dar á aba de accôrdo com os quatro pontos já assignalados, tirar as medidas obtidas sobre estes pontos marcados, e, por meio de alfinetes, indicar o novo contorno do chapéu. Pôde-se precisar o contorno passando uma linha. Para cortar o feltro, servem as tesouras ordinarias se a fazenda é lisa; se é peluda, assenta-se a aba sobre um taboa, e, com um canivete bem afiado, corta-se a fazenda em toda a espessura do feltro, forçando a lamina. É preciso que o primeiro côrte já seja o definitivo, porque, se voltar atraz, o côrte fica irregular.

Se a entrada da cabeça é muito estreita, pôde-se forçar o feltro, porque o feltro tem sempre uma notavel elasticidade. Mas, antes de forçal-o, é preciso arrancar-se-lhe a carneira e o forro, porque um e outro, não sendo elasticos, poderiam rasgar-se. Obtida, na entrada, a largura que se quer, é necessario alargar tambem a carneira, o que é, sem duvida, mais facil. Se, ao contrario, convem diminuir a entrada da cabeça, aggreguem-se-lhe uma ou mais carneiras.

(Continúa)

Creadas aristocraticas

Comédia em 3 actos
Adaptação de *Edésia Aducci*

—o—
PERSONAGENS:

D. Emilia Dalben, baroneza.
Zuleika, sua filha.
Amelia, Anastacia, Genoveva e Anna, creadas
Baroneza Flériot.
Condessa Zurbaran.
Wilma, amiga de Zuleika.

SCENA VI

As precedentes menos Zuleika.

Anastacia — (zangada) Anna, tu és capaz de estragar os nossos projectos, com a tua tagarelice!

Anna — E eu não concordarei mais com vocês, si quer viver a ralhar commigo!

Genoveva — Ora seja! Eu estaria com muito mais gosto ao lado das minhas gallinhas!

Anastacia — (apaziguada) Tenhamos juizo e sejamos bem unidas, porque, do contrario, nada conseguiremos!

Genoveva — Sim, você tem razão! Ora seja!

SCENA VII

As precedentes e D. Emilia

D. Emilia — (entrando) Então, que há por aqui?

Genoveva — (atrapalhada) Ora seja!...

Anna — Absolutamente nada, exma. senhora!

Anastacia — Eu participo a V. Excia. que resolvi deixar o seu serviço.

Anna — Eu tambem!

Genoveva — Eu tambem quero ir embora! Ora seja!

D. Emilia — (rindo) Ah! quereis deixar-me?... Poi bem, nada mais tenho a fazer si não... arranjar substitutas, pois não quero em minha casa, a servir, quem não esteja contente.

Genoveva — Ora seja, exma. Sra.!

Anastacia — (zangada, á meia voz) Que mulher pateta!

Anna — (baixo, a Anastacia) A patrão não nos pediu para ficarmos... (Anastacia, zangada, faz-lhe signal que se cale.)

D. Emilia — Como já disse, não obrigo ninguem a servir-me, portanto... podeis ir embora; antes de partir, porém, não poderieis dizer por que resolvestes tão repentinamente deixar-me?

Anastacia — E' que a nossa actual situação não pode continuar, portanto... só ficarei aqui, si a Sra. quizer ouvir e attender as condições que resolvi impôr-lhe.

D. Emilia — (com ironia) Então que de-sejas? Fala!

Anastacia — Não só desejo, mas exijo, em 1.º lugar, 50\$000 de ordenado, em vez de 30; 2.º, além do domingo, outro dia de folga em cada semana; 3.º, como não quero

mais limpar os meus sapatos, nem lavar meu quarto, nem accender o fogo, exijo que alguém o faça por mim. Desejo tambem, todas as noites, uma chicara de chá, depois que estiver na cama, e não quero mais que Amelia me dê ordens!

D. Emilia — (emquanto Anastacia fala, ella tira do bolso um livrinho de notas e escreve.) E tu, Anna, tambem de-sejas alguma cousa?

Anna — (atrapalhada) Eu... sim... eu... eu... quero (Anastacia lhe sopra o que deve exigir, e ella vae repetindo, a gaguejar) em vez de 20\$000, 40, e uma tarde livre em cada semana; além disto, não consinto mais que Amelia brigue commigo.

D. Emilia — E tu, Genoveva, que de-sejas?

Genoveva — Ora seja, minha illustre senhora! (A Anastacia) Que é que eu queria? (Anastacia vae soprando, e Genoveva fala comicamente) Eu desejo, minha distincta senhora, de 2 a 4 ovos frescos por dia, para o meu Miguel e para mim, e... e... (Olha para Anastacia, para que ella continue a soprar) e Amelia não terá mais o direito de ralhar com a velha Genoveva, oh! lá isso é que não! Ora seja!

D. Emilia — (ironica) Bem, já entendo! Vocês governarão a casa, e nós seremos suas creadas, não é assim?

Anastacia — O que eu lhe digo é que a nossa situação não continuará como até agora. O futuro nos pertence!

Anna — A Sra. se tornará minha irmã, illustre fidalga!

D. Emilia — Muito bem! Não haverá mais differença de classe nem de posição!

DOMINIOS DA ESPHINGE

(8º torneio charadistico)

(Julho, Agosto e Setembro)

Tres premios ás vencedoras

35—36) NOVISSIMAS

A menina que está na margem deste rio tem muita bravura — 2,1.

Encontrei este homem com um animal — 1,2.

37—38) CASAES

Dentro do sacco está uma medida — 2.

Na tarde antecedente a esta festa vi um planeta — 3.

I. A.

8) ANCILLA DOMINI

NA INTIMIDADE

Adivinhaste a situação.

Estamos mettidas numa onda de fazendas, de linhos, de tecidos de toda qualidade.

O Dr. Arnaldo pede que o casamento não tarde muito, e como os tios não dispõem

de grandes meios, estamos todos ocupados nos preparativos do enxoval. Até Lourenço ajuda a tocar a machina de costuras. Deves reconhecer que não é pequeno o merecimento que tenho em buscar o meu quinhão desse trabalho enfadonho.

Detesto a costura de todo o coração, e com todas as véras voto-lhe o mais entranhado odio. Cumpre reconhecer que para esse resultado contribuíste não pouco. O coser está para mim eternamente ligado á idéa de castigo. O Senhor infligiu ao primeiro homem a obrigação de ganhar o pão com o suor do seu rosto, eu porém, quando fazia qualquer tolice... e sabe Deus se a minha infancia foi fértil em tolices! tinha que conquistar o meu perdão e lavar as faltas commettidas, com as tristes lagrimas que cahiam na nefanda costura.

Lembro-me ainda muito bem de um certo dia, em que por maldade e de proposito, eu estraguei por completo o trabalho... como te zangaste então comigo!

Estavas muito feia naquelle dia, mas como te quero muito bem, perdoei-te de todo o coração a sova rigorosa que me applicaste, e que, segundo o consenso *universal lá de casa*, foi muito merecida e efficaz. Mas tornemos ao enxoval de Luiza.

Sou muito obediente, modestia á parte, sou filha exemplar e escrupulosa observante do 4.º mandamento. Se és capaz, dize que não! Assim que li as tuas injuncções, para deixar letras e tomar da agulha fiz como o soldado ao ouvir a voz de commando: ordinario, marche! «Titia, aqui está uma aprendiz costureira ás suas ordens, o unico ordenado que eu exijo é que a Sra. me queira bem.

— Então já está pago adiantadamente, — respondeu titia a rir. Tenho reparado agora, mãezinha, que a tua irman adoptiva é muito mais viva e sagaz do que me pareceu a principio.

Sem mais ceremonias, me incumbiu a tia de embainhar á mão uma duzia de lenços de linho; devo dizer-te que com a melhor vontade me ensinou ella a tirar fios e a fazer bainha aberta. Está *uma teteia* o meu primeiro trabalho! Lourenço ficou embasbacado diante daquelle primor.

— Quero que me ensines a fazer esse *marradinho* tão bonito, — disse elle.

— Amarradinho é o teu nariz, — respondi, — vae estudar as pandectas, que as férias não tardam acabar.

— Olha só! aprendeste a falar *pandectas* e ficaste muito contente! Pois daqui não saio enquanto não me ensinares o amarradinho.

— Não ensino nada, aprende se quizeres com a titia, para que ella veja que talento de costureira está se perdendo ahí!

— E não cações! que se não fosse eu, não teria a Lulú desde já essa profusão de toalhas promptinhas.

— Olhem a mosca do coche! porque vi-raste algumas vezes a roda da machina já cuidas que fizeste tudo. Estes homens, estes homens! são as criaturas mais enfatuadas

que eu conheço. Oh primo, em vez de estares ahí a nos exercer a paciencia, pega de um livro e lê-nos algo em voz alta.

— Que hei de eu ler?

— Um romance, opinou Maricas; uma poesia, disse eu. Sim, uma poesia, concordou Luiza, que parecia ausente a voar talvez nas azas opalinas de seu sonho de amor.

— Que poesia querem vocês, que autor?

— Qualquer, ao acaso!

Lourenço abriu uma anthologia: O navio negreiro!

— Oh isto não, é horripilante, isto não! — exclamamos Luiza e eu; Maricas, porém, observou:

— E' tão bello, tão empolgante aquelle trecho:

«Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que á luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança».

— Em que ficamos pois? — perguntou Lourenço.

— Não, não queremos o «Navio negreiro», procura outra cousa.

— Y Juca Pirama, serve?

— E' tão longo, — opinou distrahidamente Luiza, — lê antes: Se se morre de amor!

— Não se morre, não! podes amar em paz; vejamos outra, primo.

— Já, já me vae, Marilia...

— Ih, isto é batido, Lourenço, antes qual-quer das outras Lyras de Dirceu, — exclamou Maricas.

— Fagundes Varella: O Cantico do Calvario.

— Sim, sim! não, este não! — dissemos ao mesmo tempo as tres.

— Ai, com cincoenta mil bombas! nunca tres raparigas chegarão a um accordo em questão tão somenos? Bem diz o outro que mais facil é governar-se uma nau em mar tempestuoso do que tres mulheres numa casa.

— Quem foi esse malcriado?

— Não sei, Mécia, ouvi o proloquio um dia.

— Sabes que mais? Abre o livro e lê ao acaso, assim chegaremos ao accordo.

Lourenço leu-nos então a poesia «Minha alma é triste» de Casimiro de Abreu. Elle lê bem, com expressão simples e natural.

Titia gostou do meu trabalho; ao que parece, tenho alguma habilidade para os pontos. Boa titia! só agora tenho conhecido toda a sua bondosa paciencia.

Não podes imaginar que visitas enfadonhas ella atura, muitas vezes, aos domingos desde cedo, após a missa até de tardinha.

(Continúa)



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA OYSNE, Florianópolis
Rua 28 de Setembro N.º 8.